

HISTORIOGRAFIA

Pregação de São Francisco Xavier em Goa. ANDRÉ REINOSO (c. 1580-1650). Óleo sobre tela, 1619. Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Pin 96



* Doutorada em Cultura Portuguesa, dirige o Centro de Estudos Interculturais do Politécnico do Porto, onde é Professora Coordenadora com tenure e directora do Mestrado em Intercultural Studies for Literature and Culture, Estudos Culturais, Interculturais e de Género.

A PhD in Portuguese Culture. Coordinator of the Centre for Intercultural Studies of the Polytechnic of Porto, where she is a Tenured Professor and the director of the Masters Program in Intercultural Studies for Literature and Culture, and Cultural, Intercultural and Gender Studies.

Representações Interculturais no Oriente de S. Francisco Xavier

CLARA SARMENTO*



RESUMO: As Cartas e Escritos de Francisco Xavier são narrativas eloquentes de uma jornada pelo Oriente que absorveu toda a vida do santo. As suas experiências e idiossincrasias, valores e categorizações são apresentados num claro discurso erudito. O missionário raramente é neutro nas suas opiniões, centrado no seu objectivo omnipresente: a conversão dos povos e a expansão da Companhia de Jesus.

Qual é então a posição das mulheres, tanto no sentido coletivo quanto no individual, nas viagens e nos objetivos que são a temática central das *Cartas e Escritos* de Xavier? Qual é o papel das mulheres, esse termo secundário e silenciado do binómio homem/mulher, que estabelece uma dicotomia semelhante aos binómios civilizado/selvagem e europeu/nativo que pontuam as narrativas de Xavier e o contexto histórico das suas cartas? As mulheres não estão ausentes dos seus escritos, mas seria ingénuo argumentar em favor da misoginia do autor tanto quanto do seu “profundo conhecimento do coração feminino”, para citar Paulo Durão em *As Mulheres nas Cartas de São Francisco Xavier* (1952).

Este artigo explora as quatro grandes categorias do feminino patentes nas Cartas e Escritos: as mulheres europeias; as mulheres orientais convertidas; as mulheres que professam outra religião; e as mulheres enquanto agentes e objetos do pecado, uma representação transversal a todas as categorias. Todas estas representações interculturais dependem do contexto, das circunstâncias e das estruturas de pensamento que o autor opta por destacar e narrar.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Mulheres; Género; S. Francisco Xavier; Religião; *Cartas y Escritos*; Missionação; Oriente; Ásia

* Clara Sarmento is an Associate Professor of Business. É autora de várias obras, ensaios e conferências sobre Estudos Anglo-Americanos e Literatura

Business. She is the author of numerous books, essays and conferences on Anglo-American Studies, Portuguese

HISTORIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

S. Francisco Xavier nasceu Francisco de Jassu y Xavier, no Castelo de Xavier, Navarra, em 1506, e faleceu na Ilha de Sanchoão, frente a Cantão, China, em 1552. Missionário jesuíta, conhecido como o “Apóstolo das Índias”, estudou Letras em Paris, como interno no Colégio de Santa Bárbara, onde teve como companheiro Inácio de Loiola, e faz voto de peregrinar à Terra Santa. Chega a Roma com Afonso de Bobadilha em 1538, juntando-se a Inácio de Loiola e a outros, e aí concretizam o projecto de Paris: a fundação da Companhia de Jesus, aprovada pelo Papa Paulo III em 3 de Setembro de 1539.

Quando D. João III de Portugal convoca um grupo de jesuítas para pregar no reino, Francisco Xavier é um dos que, em 1540, chega a Lisboa. No ano seguinte, é enviado para a Índia, credenciado pelo Papa Paulo III, que o nomeia núncio apostólico. Chega a Goa em Maio de 1542, com o objectivo inicial de atrair os portugueses de volta para os caminhos da moral cristã. Contudo, logo estende a sua pregação desde o cabo de Comerim até ao golfo de Manar e aos pescadores de Travancor. Em 1546 está nas Molucas, Ternate e nas ilhas de Mouro. Regressa à Índia em 1547-48, depois de passar por Malaca, onde recebe mais missionários para com ele colaborarem. Em 1549, a Companhia de Jesus está estabelecida em Goa, Pescaria, Travancor, Molucas,

Romagem à ilha de Sanchoão. In Benjamin Videira Pires S.J., Xavier em Sanchoão. Monografia histórica. Macau, 1994.



CHAPELLE DE S^T FRANÇOIS XAVIER DANS L'ILE DE SANCIAN

HISTORIOGRAPHY

Malaca, S. Tomé de Meliapor, Coulaão, Baçaim, Ormuz e Xavier dirige-se ao Japão.

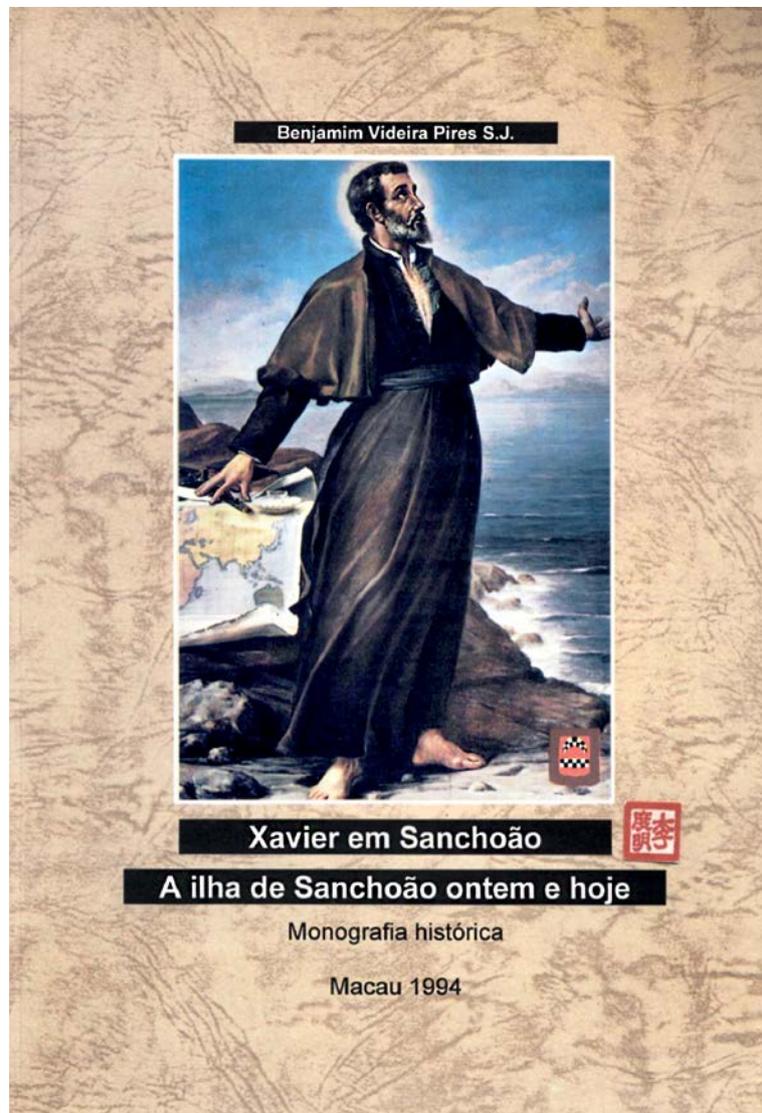
No Japão, de início sofre grandes dificuldades, devido à pobreza e simplicidade que professam. Astuto, Xavier inverte a estratégia e opta por uma aparência aristocrática, mune-se de presentes e de cartas do governador da Índia e consegue que, em 1551, o príncipe Outsí Yositaka de Yamaguchi o autorize a espalhar a fé cristã. Em poucos meses instala as cristandades de Cangoxima, Firando, Yamaguchi e Bungo, que deixa ao cuidado de outros companheiros quando regressa à Índia. Em Janeiro de 1552, conforme carta a Inácio de Loiola, prepara-se para ir à China. Consegue chegar à ilha de Sanchoão, onde contudo adoece e acaba por falecer, em Dezembro de 1552, sem nunca alcançar o seu destino.

REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIS NAS *CARTAS E ESCRITOS* DE S. FRANCISCO XAVIER

As centenas de cartas¹ escritas por S. Francisco durante as suas incessantes viagens são dirigidas a entidades tão diversas como o rei D. João III; os seus companheiros da Companhia de Jesus, residentes em Roma, em especial Inácio de Loiola; e aqueles que, como ele, viajaram para Oriente (e, em especial, para Goa e Malaca) para aí manterem colégios, missões e comunidades cristãs, quer portuguesas quer convertidas. Aqui destacam-se, entre muitas outras, as dezenas de cartas dirigidas a Francisco Mansilhas e as instruções ao padre Barzeo sobre administração temporal, serviço religioso e conduta social.

De um modo geral, as descrições mais detalhadas do mundo que Xavier vai descobrindo encontram-se nas cartas dirigidas aos companheiros do Oriente, que com ele partilham as experiências de um quotidiano exótico. A vertente prática, administrativa, do missionário atento está aí patente, assim como nas cartas para a Europa. Nestas, o pragmático e o político assinam as cartas a D. João III, e fundem-se com o apóstolo e o místico nas cartas a Inácio de Loiola.

As *Cartas e Escritos* articulam as múltiplas vivências de um périplo que absorve toda a vida do seu autor. Aqui encontramos, num discurso claramente articulado, a mundividência, as idiosincrasias, os valores e categorias deste personagem excepcional do século XVI. O missionário raramente é neutral



no seu discurso, mantém um objectivo inequívoco e omnipresente: a conversão dos povos e o estabelecimento da Companhia de Jesus.

Satélites deste objectivo essencial, emergem as personagens que com Xavier se vão cruzando ou que ele convoca no seu discurso epistolar. Das *Cartas e Escritos* retiramos uma narrativa estruturada, com personagens que são sujeitos e objectos da missão, personagens adjuvantes e oponentes, personagens protagonistas e secundárias.

Nos percursos interculturais documentados nas *Cartas e Escritos*, escolhemos destacar as categorias do feminino, focalizando a personagem “mulher”

HISTORIOGRAFIA



São Francisco Xavier despedindo-se de D. João III. ANDRÉ REINOSO (c. 1580-1650) , Óleo sobre tela, 1619. Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Pin 94

HISTORIOGRAPHY



– “mulher” colectivo e “mulher” individual – esse segundo, secundário e silenciado termo do binómio homem/mulher, dominante/dominado, uma dicotomia paralela aos binómios civilizado/selvagem e europeu/indígena, que pontuam a narrativa e o contexto histórico de Xavier. Só aparente é a ausência da mulher na escrita de Xavier. Aparente e simplista também é a alegada misoginia do autor, tal como o será o seu “espírito profundamente conhecedor do coração feminino”, para citar Paulo Durão, em “As Mulheres no Epistolário de S. Francisco Xavier”, de 1952, único estudo até ao momento publicado sobre o tema².

Em linhas gerais, as quatro grandes categorias que retiramos das representações do feminino nas *Cartas e Escritos* são: a mulher europeia; a mulher convertida; a mulher de outra religião; e a mulher enquanto agente e objecto de pecado, classificação transversal às outras três categorias. Em todas estas categorias, encontramos diversas sub-categorias, todas elas dependentes dos contextos, circunstâncias e juízos de valor que o autor – detentor da “autoridade” – escolhe destacar e formular. Em todas elas verificamos também a existência de (ou, pelo menos, a tentativa de estabelecer) complexos diálogos interculturais, entre sujeitos e contextos separados pela distância geográfica ou pelo poder das normas sociais.

Porém, a mulher não é apenas mero objecto na atenção de Xavier. No sentido inverso, a mulher pode também ela determinar o papel que o Santo decide assumir, por vezes com imprevisível agilidade, conforme a categoria de feminino com que Xavier se depara, conforme a relação que estabelece com uma detentora de poder económico, político ou social; com uma convertida; com uma “desamparada”; ou com uma nativa.

REPRESENTAÇÕES DA MULHER EUROPEIA

No topo de qualquer hierarquia social, destaca-se por “direito divino” a figura soberana da rainha (neste caso, D. Catarina de Áustria, mulher de D. João III), perante a qual Xavier assume o papel de cortesão e conselheiro.

HISTORIOGRAFIA

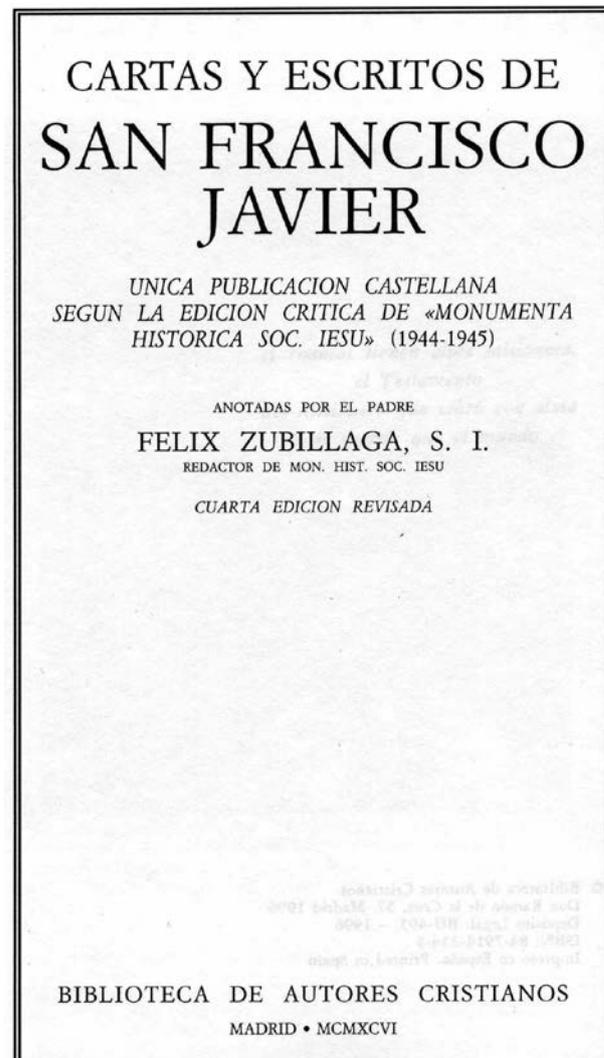
Em carta de 23 de Julho de 1540, aos padres Inácio de Loiola e Nicolas Bobadilha, em Roma, conta como o rei e a rainha de Portugal o receberam calorosamente em entrevista privada, finda a qual mandaram chamar a filha, infanta Dona Maria e o príncipe D. João e referiram os demais filhos e filhas que tinham e que haviam tido (61.5).

Já em pleno trabalho de missão no Oriente, as referências à rainha surgem em diferente contexto, mais político e pragmático: em Cochim, em 1549, pede ao padre Simão Rodrigues, que ficara em Portugal, que suplique junto do rei e da rainha para que estes refreiem os governadores e procuradores da Índia no desempenho das suas funções (300.17). Em Goa, em 1552, roga ao mesmo que aconselhe o rei e a rainha a avisarem o imperador Carlos V ou os reis de Castela para que não enviem mais frotas da Nova Espanha para o Japão (441.3).

As aristocratas que merecem referência com nome nas *Cartas e Escritos* são, na generalidade, esposas de ricos e poderosos beneméritos da Companhia de Jesus, a quem Xavier estende as suas bênçãos e indulgências. Ainda em Paris, a carta de 25 de Março de 1535 a seu irmão Juan de Azpilcueta, em Obanos, termina com grandes respeitos a este e a sua esposa, Joana de Arbizu, viúva riquíssima, proprietária dos territórios de Sotéis e Aoz, palácio de Obanos, outros em Undiano e Muruzábal e casas em Puente la Reyna (51.9).

Em Bolonha, a 31 de Março de 1540, antes de partir para Portugal, escreve a Inácio de Loiola e a Pedro Codacio, enviando recados a “madona Faustina Ancolina” e pedindo que a informem de que disse missa pelo “seu Vincencio” e por ela e que nunca a esquecerá “mesmo nas Índias”. Faustina de Jancolini, viúva, era uma nobilíssima dama romana que deixou em testamento à Companhia a sua casa de Roma. Xavier pede-lhe ainda que perdoe aos que lhe assassinaram o filho único, Vicente de Ubaldis, morto em Roma, aos 28 anos (57.4).

Já em Goa, em 1542, pede a Inácio de Loiola que seja concedido a todos os confrades da Misericórdia (e aos que forem casados, também às suas mulheres), confessando-se e comungando cada ano, indulgência plenária e que, depois da morte, sejam absolvidos de culpa e pena (100.5/6). Pede-lhe também que envie carta e um par de rosários de contas ao governador de Goa (muito devoto de Inácio e de toda a Companhia), o seu amigo Martim Afonso de Sousa, e para a sua



mulher, Ana Pimentel, que não o acompanhou para a Índia. Que lhes envie todas as graças e indulgências que possa alcançar do Papa e que, todas as vezes que o governador, mulher, cinco filhos e três filhas se confessarem, o Papa lhes conceda as indulgências que ganhariam se visitassem as sete igrejas de Roma (97.7).

De Amboina, a 10 de Maio de 1546, informa os companheiros na Europa que Jordão de Freitas, fidalgo da casa real portuguesa, em breve irá para aí viver “de bem e bom cristão”, com mulher e casa. A ilha foi-lhe feita mercê pelo rei baptizado de Ternate, que o fez donatário de Amboina e Serán, doação sancionada por D. João III. Informa ainda que Jordão de Freitas é casado com Maria da Silva, com quem teve três filhos,

HISTORIOGRAPHY

para além de dois ilegítimos (189.3). Em Kagoshima, no Japão, em Novembro de 1549, escreve a D. Pedro da Silva, em Malaca, “que muita ajuda lhes deu, com presentes e navio para a viagem ao Japão”, desejando-lhe longa vida e regresso a Portugal, como é seu desejo e da esposa, D. Inês de Castro, filha de D. João de Castro (382.9).

Mas a benemérita, outrora rica e poderosa, pode facilmente tornar-se “desamparada” por velhice e viuvez. Também os homens caídos em desgraça perante o rei arrastam consigo mulher, filhos e filhas. Nestes casos, Francisco Xavier transforma-se em justiceiro e até – curiosamente – casamenteiro, de modo a retribuir os favores feitos à Companhia de Jesus, a repor a justiça e o equilíbrio social e a permitir às jovens desamparadas o cumprimento da sua exclusiva função social de casamento, procriação e amparo aos progenitores.

Chegado a Cochim, em 20 de Janeiro de 1548, escreve a D. João III, instando o rei a fazer grande mercê ao capitão de navio Enrique de Sousa, pelos seus serviços e obediência ao governador. Sublinha o facto louvável de Enrique de Sousa haver casado com uma orfã, filha de Francisco Mariz Lobo que, em 1545, viajara para a Índia com a família como vedor de fazenda, mas morrera na viagem. Xavier informa que a sogra de Enrique de Sousa, Maria Pinheira, está pobre e desamparada em Cochim, tal como seus filhos e filhas. Pede ao rei que tenha compaixão e lhe faça mercê das viagens de Maluco para casamento das filhas e seu sustento, e que aos filhos os tome por moços fidalgos no foro dos seus parentes (237.5).

Em Outubro desse ano, Xavier vê-se obrigado a retomar o assunto, assinando a carta em conjunto com os padres Fernandes, António do Casal e João de Vila do Conde. Informam o rei que, à hora da morte, o vice-rei João de Castro pedira-lhes que rogassem o perdão real para Enrique de Sousa [aqui designado também por Chichorro], por estar pobre e casado com uma mulher orfã e também ela muito pobre (Cochim, 22 de Outubro de 1548; 264.6). Sem rodeios, aproveitam para recordar ao rei que faça esmola de uma casa para orfãs, porque o soldo que ordenara se pagasse no ano anterior (1547) não se cumprira.

Na carta que escreve ao padre Simão Rodrigues, que ficara em Portugal, Xavier narra que tem pedido ao rei que faça capelão honorário Estevão Luis Borrvalho, diácono, que em 1552 passara de Cochim a Goa, para ingressar no mosteiro. Pede-o não por ele mas porque

tem três irmãs orfãs e pobres e, se o irmão obtiver tal honra de quase pertencer à corte régia, elas facilmente casarão. Justifica-o com o facto de, naquela região, em políticas matrimoniais, preferirem as pessoas honestas que estejam na graça do rei. Uma vez que a mãe do clérigo voltara a casar com Gonçalo Fernandes, de Cochim, e como gratidão da benevolência recebida por si próprio, mãe e irmãs, Estevão Luis Borrvalho pede para o padraсто uma graça real, tal como ser nomeado ajudante honorário, sem soldo (Cochim, 2 de Fevereiro de 1549; 299.14).

A importância do dote e do favor régio na estratégia matrimonial do Oriente está ainda presente na missiva de 31 de Janeiro de 1552, de Cochim, onde Francisco Xavier roga a D. João III que faça mercê de algumas viagens à viúva e à filha desamparadas de Gregório da Cunha, morto na guerra de Cochim, para o casamento da menina (416.16).

Mas o exemplo mais evidente e até emotivo desta inesperada faceta de S. Francisco Xavier “santo casamenteiro” encontra-se na carta enviada de Malaca, a 23 de Junho de 1549, aos padres Pablo Camerte e António Gomes, em Goa (342/4). Aí, Xavier interessa-se pela hipótese de casamento de Cristovão Carvalho, fidalgo da casa real, então residente em Malaca, solteiro, “chegado à virtude, rico e honrado”. Com assinalável sentido prático, Xavier articula o empenho no matrimónio deste fidalgo com a gratidão devida a uma rica benemérita e o imperativo de auxílio à mulher que a viuvez ou a orfandade deixou inevitavelmente em situação de “desamparo”.

Com tal propósito, Xavier evoca as muitas caridades e esmolas que recebeu de Violante Ferreira, viúva de Diogo Frois, cavaleiro da casa real, escrivão no armazém de mercadorias de Cochim e, depois, de Goa, no qual ganhava 50.000 reais ao ano. Foi um dos mordomos da Confraria da Fé da Casa de Goa e, em 1546, assinou o regulamento disciplinar do Colégio de Goa. O rei fizera mercê que quem casasse com a filha de Diogo Frois o servisse a ele. Xavier designa Violante Ferreira por “mãe”, como se faz na Índia às mulheres de idade. Narra que recomendou a Cristovão Carvalho que case com a filha de Violante Ferreira e que o informou sobre os seus costumes e virtudes, o que muito o alegrou. Para o efeito, escreveu à nobre senhora, pois quer “que essa honrada viúva fique descansada e a sua filha acolhida e amparada, pois é orfã”. Xavier afirma fazer muito gosto no enlace e pede aos padres em Goa que proporcionem



HISTORIOGRAPHY

o casamento, para que “tão boa filha” seja amparada e “nossa mãe descansada”. Crê que Cristovão Carvalho é pessoa que há-de amparar e fazer descansar muito a “sua mãe”. Mais tarde, envia-lhe recomendações (e a todos os devotos e devotas da casa) em carta de Kagoshima, de 5 de Novembro de 1549, ao padre Pablo, em Goa. Reconhecida, D. Violante testemunhará em Goa, em 1556, no processo de beatificação do santo.

Contudo, o empenho de Xavier na causa matrimonial esbarra por vezes na crua realidade criada por homens que deixaram as suas famílias no outro lado do mundo e que no Oriente iniciam uma nova vida, com mulheres indígenas e seus filhos, e onde a hipótese de bigamia emerge em simultâneo com a necessidade de contrair matrimónio e/ou de pôr termo a um concubinato³.

Neste contexto, é ilustrativa a carta enviada de Malaca, a 13 de Julho de 1552, ao padre Gaspar Barzeo, em Goa. Aí, Xavier pede-lhe que facilite como puder o casamento do seu amigo Afonso Gentil, irmão de António Gentil, médico principal do rei, provedor maior dos defuntos, rico e esclarecido mercador de Malaca. Razões de obrigação e saúde eterna exigiam que não adiasse mais o legítimo casamento com a mulher de quem teve filhos (Afonso Gentil viria a falecer quatro anos volvidos). Mas continua indeciso, pelo que Xavier suspeita que haja motivos ocultos. Incita-o ao casamento, por honra, obrigação e estado dos filhos, mas obtém sempre respostas equívocas. Xavier termina sugerindo que existirão secretos impedimentos canónicos que, “como sabem, há muitos semelhantes impedimentos nas causas matrimoniais” (494/5).

Razões desta natureza estarão na base da ordem explicitamente dada (“isto mando em virtude de obediência que assim o cumpris”) ao padre Gonçalo Rodrigues, em Ormuz, para não se envolver em questões matrimoniais nem absolver aqueles que se casam em segredo, sem autorização expressa do padre vigário (Goa, 22 de Março de 1552; 424.4).

REPRESENTAÇÕES DA ORIENTAL CONVERTIDA

Na questão dos casamentos mistos está implícita uma outra categoria do feminino essencial nas cartas de Francisco Xavier: a mulher não-europeia, a indígena convertida ao cristianismo. E para que essa conversão aconteça de forma massificada, eficiente e duradoura, há todo um método de pregação, de baptismo e de doutrinação recorrente a seguir, com o maior rigor e empenho. O extraordinário e incansável trabalho de missão levado a cabo por Xavier é amplamente conhecido, pelo que relevaremos aqui apenas o papel da mulher nesse autêntico manual de instruções para a conversão e a pregação que as *Cartas e Escritos* representam.

Xavier é inflexível no que toca ao imperativo da pregação organizada e generalizada, mesmo em cartas ao rei D. João III: “As mulheres dos casados naturais da terra e filhas e filhos mestiços contentam-se em dizer que são portugueses de geração e não de lei. A causa é a falta que há aqui de pregadores que ensinem a lei de Cristo” (Amboina, 16 de Maio de 1546; 201.1). E aqui encontramos também referência a outro elemento essencial no trabalho de conversão de Xavier no Oriente, ligado à mulher de forma literalmente umbilical: as crianças.

Para uma boa prática de conversão e pregação, devidamente segregada por géneros, Xavier aconselha a Francisco Mansilhes, em Punicale, que as mulheres patagantinas vão à igreja aos sábados de manhã, tal como em Manapar, e os homens ao domingo (Livar, 23 de Abril de 1544; 127.1). Em Cochim, primeiro doutrina e baptiza os homens e rapazes e “Depois, vão os homens para suas casas e mandam as suas mulheres e famílias, as quais, pela mesma ordem que baptizei os homens, baptizo” (27 de Janeiro de 1545; 166.2).

Segundo a instrução enviada de Manapar para os irmãos da Companhia em Pesqueria e Travancor, na igreja, aos domingos, juntam-se os homens e, aos sábados, as mulheres. É necessário, nesses dias, a ambos reconciliar com os inimigos, recolher e distribuir as esmolas e promessas, declarar – nos respectivos dias – os artigos de fé e instar a que levem à igreja as crianças doentes (Fevereiro de 1548; 244/5.5/10). Instrução semelhante fora dada a Francisco Mansilhes, em

São Francisco Xavier impede a guerra impondo o crucifixo. ANDRÉ REINOSO (c. 1580-1650) Óleo sobre tela.1619. Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Pin 97

HISTORIOGRAFIA

Punicale, recomendando que Manuel da Cruz, que estava em Combuturê, juntasse para dizer as orações, aos domingos, os homens pela tarde e as mulheres pela manhã (Manapar, 16 de Junho de 1544; 132.3).

A D. João III de Portugal, Xavier narra como em Malaca e Maluco pregava duas vezes aos domingos e dias festivos, aos portugueses pela manhã na missa e, depois de comer, aos filhos e filhas dos portugueses e aos seus escravos. Um dia por semana, pregava numa igreja às mulheres dos portugueses, assim da terra como mestiças, sobre os artigos da fé e sacramentos da confissão e comunhão (Cochim, 20 de Janeiro de 1548; 233.11). Reitera que em Maluco fez “muito fruto, nos portugueses e suas mulheres, filhos e filhas, como nos cristãos da terra”, em carta da mesma data e local, dirigida aos companheiros em Roma (219.7). Afirma que teve que partir de Maluco à noite e em segredo, para evitar o pranto dos seus amigos e amigas, filhos e filhas espirituais (219.8). Nos quatro meses que esteve em Malaca, todos os dias depois de almoço ensinava a doutrina cristã a filhos e filhas dos portugueses, mulheres e homens da terra, novamente convertidos (222.13).

Aos padres Pablo Camerte, António Gomes e Baltasar Gago, em Goa, Xavier dá conta como, em Malaca, o Padre Francisco Perez, todos os domingos e dias festivos, à tarde, prega aos escravos e escravas da terra e à gente liberta e cativa. Um dia por semana prega às mulheres dos portugueses e às casadas da terra na Igreja de Nossa Senhora do Monte, erguida numa colina sobre a cidade, uma pequena capela que, em 1549, foi entregue pelo bispo à Companhia (Malaca, 20-22 de Junho de 1549; 330.16).

O zelo missionário requer constantemente mais colaboradores, que porém partem já com um programa rigorosamente predeterminado, como é visível na carta enviada de Cochim, a 20 de Janeiro de 1548, ao padre Simão Rodrigues, em Portugal. Nela o missionário afirma necessitar de pregadores para pregar nos domingos e festas aos portugueses e, depois de comer, aos escravos e escravas e cristãos libertos da terra e, um dia por semana, às mulheres e filhas dos portugueses, sobre artigos da fé e sacramentos da confissão e comunhão, de que há muita necessidade (241.3). Três meses mais tarde, já em Goa, Xavier informa Diego Pereira, em Cochim, que enviou para Malaca dois companheiros, um para pregar tanto aos portugueses, como às suas mulheres e escravos (2 de Abril de 1548;

248.2). Na “Instrução para o Padre Barzeo que havia de ir a Ormuz”, Xavier ordena que seja ele próprio a ensinar as orações aos filhos dos portugueses, escravos e escravas e cristãos libertos da terra (Goa, princípios de Abril de 1549; 304.2).

Os resultados de tão meticulosa empresa são visíveis: em Travancor terá baptizado mais de dez mil pessoas num mês (Cochim, 27 de Janeiro de 1545; 165). De Kagoshima, a 5 de Novembro de 1549, informa os companheiros residentes em Goa que Paulo de Santa Fé pregou dia e noite aos seus parentes e amigos, pelo que se converteram a sua mãe, mulher e filha e muitos parentes, tanto homens como mulheres, e amigos (380.2).

Para além da quantidade sempre impressionante de conversões, segundo o discurso de Xavier, terão também ocorrido milagres em alguns desses momentos. Sintomaticamente, é numa carta escrita em Tuticorin, a 28 de Outubro de 1542, para o místico Inácio de Loiola, em Roma, que Xavier narra um desses fenómenos: na aldeia de Kombuturê, havia uma mulher em perigo de vida, com dores de parto há já três dias. Xavier visitou-a, pregou e, através dos intérpretes aí presentes, perguntou-lhe se ela queria baptizar-se, ao que a mulher acedeu. Xavier rezou evangelhos, baptizou-a e logo ela deu à luz. Baptizou então o recém-nascido, bem como os filhos e filhas e todos os da casa (104.3).

Na sua imensa tarefa de missão, as crianças eram os destinatários (e posteriormente os agentes) predilectos de Xavier, pois haveriam de influenciar os seus conterrâneos como catequistas ou professores, religiosos ou clérigos. O missionário encomendava-se reiteradamente às suas orações e funda escolas e colégios. Segue com empenhado interesse o trabalho educativo do colégio de Granganor e do colégio de São Paulo de Goa, onde se formavam estudantes “educados em letras e virtudes”.

A missão e conversão de Xavier é democrática, sem distinção de género, classe ou idade, privilegiando a quantidade em detrimento da qualidade social dos convertidos. Numa carta enviada de Cochim, a 20 de Janeiro de 1548, aos seus companheiros residentes em Roma, narra com júbilo quase poético que, em Maluco,





HISTORIOGRAPHY

de dia e de noite, os meninos nas praças, as mulheres e meninas em casa, os lavradores nos campos e no mar os pescadores cantavam “santos cantares” em lugar de “vãs canções”, como as orações, mandamentos, obras de misericórdia e confissão geral, em língua portuguesa e indígena (216.3).

Em diversas cartas, Xavier alude aos muitos “meninos” batizados, sempre “alguns milhares”, e à grande fé que deposita nas suas orações e nas almas das crianças recém-batizadas e mortas. Em Tuticorin, num mês, ensinou as orações às crianças, seus pais e mães, aos da casa e vizinhos. Aos domingos, juntava todos, homens e mulheres, grandes e pequenos, e dizia-lhes as orações na sua língua, o que eles recebiam com agrado e repetiam a uma só voz (Cochim, 15 de Janeiro de 1544; 107.2). Informação semelhante encontra-se em carta de Manapar, de 10 de Novembro de 1544, e noutra também de Tuticorin, anterior, de 28 de Outubro de 1542, onde refere a “grande multidão de infantes”. Na ilha de Socotorá, com suas gentes calmas, os pais e mães rejubilam por batizarem os seus filhos. Conta aos companheiros em Roma que aí batizou muitos meninos e recebeu muitas oferendas “com amor e vontade”, destas gentes tão pobres, que lhe pediram que ficasse, pois todos se converteriam (Goa, 20 de Setembro de 1542; 89.10).

Na Índia, os rapazes convertidos – adjuvantes numerosos, entusiastas e pouco dispendiosos – “repreendem e acusam pais e mães quando os vêem a idolatrar”. Xavier manda os rapazes que sabem as orações a casa dos enfermos, rezar em conjunto com familiares e vizinhos, dizendo aos doentes para ter fé que assim se curariam. Desta forma, e tal como informa os companheiros em Roma, “cumpre com todos e faz ensinar pelas casas e praças o credo, mandamentos e demais orações” (Cochim, 15 de Janeiro de 1544; 109.5).

Assim se compreende a grande importância da evangelização das crianças que encontramos formulada ao longo de todas as *Cartas e Escritos* como, por exemplo, na carta de Manapar, de Fevereiro de 1548, com a “Instrução para os que da Companhia estão em Pesqueria e Travancor”; Goa, 2 de Abril de 1548,

a Diego Pereira, em Cochim; Goa, 6 a 14 de Abril de 1552, com a “Instrução primeira ao Padre Barzeo sobre a administração temporal”; Punicale-Cochim, 22 de Outubro de 1548, ao padre Francisco Henriques, em Travancor, a quem aponta a necessidade de batizar muitos inocentes com menos de catorze anos, para que “vão da Índia para o paraíso, tanto brancos como negros” (261.3); Virapandyapatnam, 11 de Junho de 1544; Manapar, 14 de Março de 1544, a Francisco Mansilhas, em Punicale. Nesta carta, envia recomendações a Mateo, menino indígena e ajudante espontâneo das missões, que Xavier alimentou e a cujo pai e irmã deu esmolas. Na carta de Kagoshima, de 5 de Novembro de 1549, ao padre Pablo em Goa, pede que, se houver muitos padres, eles que ensinem fora de casa as orações aos meninos e escravos e escravas. No “modo de rezar e salvar a alma”, escrito em Goa, entre Junho e Agosto de 1548, ordena que seja ensinado “aos meninos e meninas como hão-de estar ao ouvir a missa” (255.24).

Um vez convertidas, as mulheres e as crianças cristãs nativas tornam-se presa fácil de perseguições religiosas, agravando ainda mais a fragilidade inerente ao seu estatuto social. Em Junho de 1544, Xavier viu-se obrigado a viajar até ao Cabo de Comorin, para dar assistência aos cristãos perseguidos, em fuga dos saqueadores badagas. Segundo a carta escrita de Manapar, a 1 de Agosto de 1544, para Francisco Mansilhas, em Punicale, uns não tinham que comer, os velhos não podiam fugir, outros morreram, e havia maridos e mulheres em fuga que “pariam no caminho” (134.2). A 3 de Agosto, informa que está a providenciar o envio de barcos salvadores e recomenda que as mulheres e as crianças digam as suas orações, mais do que em qualquer ocasião, pois só Deus os poderá auxiliar naquele momento.

Outra diligência para auxílio de convertidas-perseguidas (tão ou mais “desamparadas” quanto uma europeia viúva ou orfã) é levada a cabo em 1549, quando Xavier informa o padre Simão Rodrigues de que vai enviar um padre e dois leigos a Socotorá, pois o poder lá foi tomado por um mouro que agrava muito aos cristãos, “tomando-lhes o que é seu e suas filhas, fazendo-as mouras e causando-lhes muitos outros males” (Cochim, 20 de Janeiro de 1549; 283.5).

Contudo, a perseguição religiosa às convertidas não contemplava classes nem cargos políticos, tal como se pode concluir do exemplo de Dona Isabel, antiga

São Francisco Xavier celebrando o culto na Igreja de São Paulo de Goa. ANDRÉ REINOSO (c. 1580-1650). Óleo sobre tela. 1619. Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Pin 99

HISTORIOGRAFIA

governadora de Ternate convertida ao cristianismo e mãe do rei cristão de Maluco, longamente referida em carta de Malaca, escrita entre 20 e 22 de Junho de 1549, aos padres Pablo Camerte, António Gomes e Baltasar Gago, em Goa (327.6). Aí, Xavier pergunta se nas cartas recebidas de Portugal há alguma menção à petição que fez ao rei para que conceda uma pensão de sustento a Dona Isabel, residente em casa de Baltasar Veloso, onde Xavier a convencera ao baptismo em 1546, um ano a seguir à morte do seu filho. Nascida Niachile Pocaraga, filha do rei de Tidor, Dona Isabel foi destronada de Ternate no próprio ano da sua conversão e privada de tudo por ser cristã. Xavier interessa-se também pelas mercês devidas a Baltasar Veloso, homem muito amigo da Companhia e cunhado do rei de Maluco pelo seu casamento com Dona Catalina, tal como ele nascido de uma concubina.

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES DE OUTRAS RELIGIÕES

Apesar do zelo missionário, Xavier não ignora as práticas, valores e representações colectivas das demais crenças religiosas, em especial nos textos sobre o Japão e o budismo. Em descrições de assinalável objectividade e neutralidade, reproduz muitos dos conhecimentos que obteve sobre o budismo, quer através da observação directa quer através de diálogos exemplarmente tolerantes com sacerdotes e fiéis dessa religião. O papel da mulher nas práticas e crenças budistas não é esquecido, mas Xavier tem sempre o cuidado de sublinhar a subordinação das religiosas budistas aos homens das respectivas seitas – e nem outra hierarquia seria tolerável para as suas categorias mentais – bem como a liberdade de opção em termos de orientação religiosa que reina dentro das famílias japonesas. Assim, as conversões realizadas ou a realizar não surgem como veículo de discórdia familiar nem de subversão da hierarquia dos géneros. Ciente da assinalável adesão de mulheres e crianças ao cristianismo, qualquer outro tipo de discurso transformaria Xavier num incómodo agente de instabilidade ou de emancipação no seio da família. Por outro lado, apagar a mulher do seu discurso seria sinónimo de incúria ou de fracasso, face ao enorme potencial de conversão deste segmento populacional.

Regressado à Índia, e enquanto se prepara para a malograda expedição à China, Xavier narra aos companheiros na Europa que no Japão existe um

“grandíssimo número” de homens e mulheres de profissão religiosa. Entre as mulheres, há bonzas de hábitos pardos (seita Ikkô) e bonzas de hábitos negros (Zen), ambas em obediência aos respectivos bonzos do mesmo hábito. Diz-se que existem ducados no Japão com oitocentos mosteiros de frades e monjas (Cochim, 29 de Janeiro de 1552; 385.4/5). Em Miyako (Kioto), há mais de duzentas casas de bonzos e de monjas, às quais chamam Amacata: “Ama”, monja budista, e “Kata”, pessoa (Kagoshima, 5 de Novembro de 1549; 369.53). Convivem no país nove doutrinas diferentes e homens e mulheres escolhem livremente a que querem seguir. Assim, há famílias em que o marido é de uma seita, a mulher de outra e os filhos de outra, sem que ninguém force as suas opções (Cochim, 29 de Janeiro de 1552; 386.6).

Xavier reproduz diálogos que teve com o japonês convertido Paulo de Santa Fé, sobre as práticas dos monges da seita budista Zen. Informa os irmãos jesuítas que os padres pregam ao povo todas as quinzenas e são ouvidos por muitas pessoas, tanto homens como mulheres, que choram muito nessas ocasiões. Os padres ensinam que um mau homem ou uma má mulher é pior do que o diabo, pois faz por ele o que o diabo não pode fazer, como furtar, levantar falsos testemunhos e demais pecados (Malaca, 22 de Junho de 1549; 339.17/18). A mulher parece ter sempre um destacado papel singular quando se trata de “pecado”, tanto no budismo como no próprio cristianismo de Xavier. Em carta de Cochim, de 29 de Janeiro de 1552, aos companheiros na Europa, o apóstolo descreve como o povo japonês crê que bonzos e monjas têm o poder de salvar as almas que vão para o inferno, pois obrigaram-se a guardar os mandamentos e a fazer outras orações. Os religiosos budistas defendem que as mulheres laicas que não guardam os mandamentos não têm nenhuma forma de sair do inferno, pois cada mulher tem mais pecados do que têm todos os homens do mundo, por causa da “purgação”. Dizem também que algo tão sujo como a mulher dificilmente se poderá salvar, mas acabam por admitir que, se as mulheres derem muitas esmolas, mais do que os homens, sempre poderão sair do inferno (387.10/12).

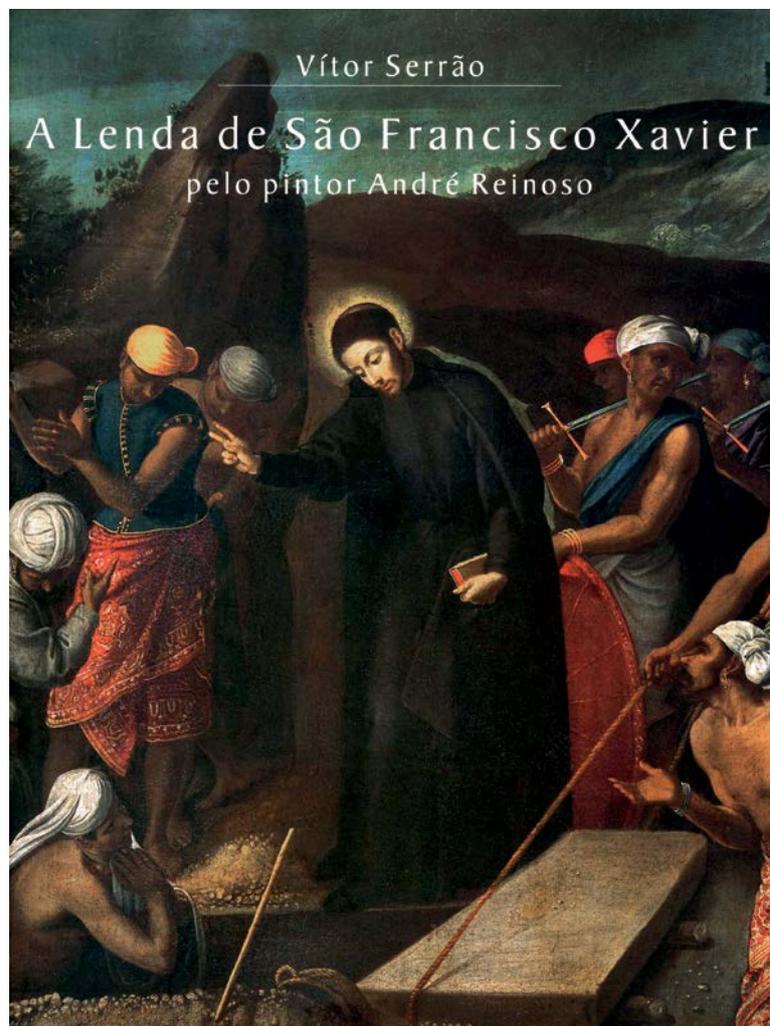
A mulher não convertida parece nutrir um fascínio material e estético pelo objecto de culto cristão, que poderá ser confundido com genuíno desejo de conversão. Xavier conta aos companheiros em Goa que, quando Paulo de Santa Fé visitou o *daimio* de

HISTORIOGRAPHY

Satsuma, Shimazu Takahisa, que estava próximo de Kagoshima, levou consigo uma imagem da Virgem, que o daimio reverenciou. Também a mãe do daimio mostrou “muito prazer em vê-la”. Dias volvidos, estando Paulo já em Kagoshima com seus companheiros, a mãe do daimio enviou-lhe um emissário fidalgo, para saber como fazer uma imagem semelhante. Mas tal não se realizou por não existirem materiais adequados. A senhora pediu também que lhe enviassem por escrito uma apresentação da fé cristã, o que Paulo fez, escrevendo-lhe durante dias uma carta na sua língua (Kagoshima, 5 de Novembro de 1549; 364.39). Mas de um modo geral, e segundo Xavier reporta otimista aos jesuítas na Europa, a pregação massiva no Japão obteve os resultados esperados: foram autorizados a pregar e a abrir um colégio em Yamaguchi e muitos padres, monjas e fidalgos compareceram às pregações, dos quais cerca de quinhentos se converteram em dois meses (Cochim, 29 de Janeiro de 1552; 391.16).

Existem contudo casos de homens e mulheres que recusam a conversão e que são merecedores de alusão nas missivas para Roma. Como o próprio senhor de Yamaguchi, o governador Naitondono, e sua mulher, que favoreceu particularmente os jesuítas. Ambos apreciam “a lei de Deus”, mas não se baptizaram por serem muito devotos de Ameda e haverem doado grandes quantias para mosteiros e bonzos (Cochim, 29 de Janeiro de 1552; 396.31). Em 1556, porém, Naitondono e dois dos seus filhos fizeram-se cristãos. Outra narrativa de não-conversão no feminino data de 1542, em Socotorá, onde tentou baptizar os filhos de uma moura que lhe rogou chorando que não o fizesse, pois não queria ser cristã, nem que os seus filhos o fossem. Os demais cristãos pediram-lhe que não os baptizasse nem mesmo que a mãe o quisesse, pois odeiam os mouros e não os acham dignos de se tornarem cristãos (Goa, 20 de Setembro de 1542; 90.11).

À observação e experiência de Xavier não escapam práticas culturais relacionadas directa ou indirectamente com a mulher na sociedade do Oriente não convertido. Em carta de Cochim para os companheiros na Europa, refere que existem no Japão dois tipos de letras: um que usam os homens, outro que usam as mulheres (29 de Janeiro de 1552; 400.42). Significa isso que as mulheres, principalmente as nobres, para além das palavras vulgarmente utilizadas pelo povo, empregam no trato com os seus iguais palavras, nomes e expressões que



os homens não entendiam. A maior parte das pessoas sabe ler e escrever, tanto homens como mulheres, principalmente fidalgos, fidalgas e mercadores. As bonzas nos seus mosteiros também ensinam as meninas a ler.

A prática de utilizar a mulher (e demais bens em posse) como garantia da segurança e devido retorno de uma viagem marítima é observada em Malaca, onde os jesuítas foram muito bem recebidos pelo capitão da cidade. Este mandou aparelhar o junco de um chinês para transportar os missionários ao Japão, mas o dono do junco teve que deixar a mulher e a propriedade que tinha em Malaca, como fiança da boa viagem (Malaca, 20 a 22 de Junho de 1549, carta aos padres Pablo Camerte, António Gomes e Baltasar Gago, em Goa; 325.2).

A viagem marítima para o Japão foi atribulada e

HISTORIOGRAFIA

no percurso, tal como narra de Kagoshima aos mesmos companheiros em Goa, a 5 de Novembro de 1549, testemunhou práticas sacrificiais e artes divinatórias, a propósito da morte trágica da filha do capitão do navio, caída ao mar durante uma tempestade. Os grande prantos que se seguiram causaram piedade nos missionários, por verem tanta miséria nas almas dos gentios. Fizeram grandes sacrifícios ao ídolo, matando aves, dando-lhe de comer e de beber e perguntando-lhe porque morrera a criança. Segundo Xavier, a resposta do ídolo indicou que ela não teria caído ao mar nem morrido se um companheiro de Xavier, Manuel China, que anteriormente caíra gravemente no porão do navio mas salvara-se, tivesse ao invés morrido (349.5). Por fontes indirectas, Xavier refere também práticas de grande violência e homicídio entre a tribo pagã dos “tavaros”, nas ilhas de Mouro, cujas gentes têm como maior felicidade matar e “dizem que até matam as suas mulheres e filhos, quando não acham quem matar. E matam muitos cristãos” (Cochim, 20 de Janeiro de 1548; 217.5).

UMA CATEGORIA TRANSVERSAL: A MULHER E O PECADO

Independentemente da proveniência social, étnica ou religiosa da mulher, a sua ligação ao “pecado” – enquanto agente e/ou objecto de pecado – constitui uma categoria comum e transversal às três categorias já apontadas. A mulher é a filha de Eva, ela é o pecado original, e nesta categoria a escrita de Xavier abandona a neutralidade factual com que descrevera práticas e até crenças de outras culturas e religiões, para adoptar uma prosa crítica, qualitativa e profundamente subjectiva. É de relevar o facto de – apesar da hegemonia masculina reinante tanto nas representações como nos discursos – Xavier ter sempre o cuidado de discriminar os géneros na sua escrita, sem usar o colectivo masculino, como seria regra, pois, no capítulo do pecado, parece importante distribuir os papéis (e as culpas) de forma inequívoca.

Na missão de conversão de povos e culturas orientais, coloca-se de imediato uma questão necessariamente ligada à mulher e também necessariamente adversa à doutrina cristã: a poligamia. Na Índia, conversando com um brâmane da seita monoteísta madhva, este diz a Xavier que a lei da natureza advoga ter-se muitas mulheres (Cochim, 15 de Janeiro de 1544; 115.12).

Apesar da aparente cordialidade desta entrevista particular, Xavier generaliza ao classificar os brâmanes locais como “a gente mais perversa do mundo”, pois extorquem oferendas aos “pobres, simples e ignorantes”, ameaçando-os com a ira dos ídolos, para manterem as “suas mulheres, filhos e casas” (113.10). Problema semelhante coloca-se junto do rei Hairun de Maluco, segundo narra aos companheiros em Roma, em carta de Cochim, datada de 20 de Janeiro de 1548 (220.10). Segundo Xavier, o idoso monarca recusa o baptismo não por devoção a Maomé, mas para não abandonar os seus vícios carnis. É cem vezes casado, pois tem cem mulheres principais, contando com as servas, e outras muitas secundárias, tantas quantas pode sustentar.

Conversamente, e como seria de esperar, Xavier não poupa elogios aos povos que recusam a poligamia, pelo que os japoneses são “as melhores gentes de entre os infieis [...] Não têm mais do que uma mulher” (Kagoshima, 5 de Novembro de 1549; 355.14). Contudo, e apesar de em Yamaguchi muitos mostrarem contentamento por ver os missionários e ouvir a lei de Deus, outros tantos perseguiam-nos, escarnecendo-os, entre outras razões porque “Estes são os homens que pregam que um homem não há-de ter mais que uma mulher” (Cochim, 29 de Janeiro de 1552; 390.14).

A mulher e o sexo subjazem às reiteradas alusões indignadas ao “pecado” carnal, um dos grandes inimigos da conversão massiva, objectivo omnipresente da incansável peregrinação de Xavier. Se os habitantes das ilhas da região de Mouro, por exemplo, querem ser cristãos, impedem-nos os “abomináveis pecados de luxúria entre eles”, nos quais diz não poder crer nem se atrever a descrever (Amboina, 10 de Maio de 1546; 194.11). No Japão, em carta aos companheiros em Goa, Xavier critica os maiores adversários da sua missão, os bonzos, entre outras razões porque são inclinados a “pecados contra-natura”, que todos, homens e mulheres, pequenos e grandes conhecem, mas que por habituação já não estranham nem comentam (Kagoshima, 5 de Novembro de 1549; 355.16).

Do convívio entre os sexos advem, segundo o discurso de Xavier, o “pecado” em geral e o descrédito público, aborto, mentira e promiscuidade em particular. Na mesma carta de Kagoshima, o missionário alude aos “bonzos pardos”, os monges casados da seita budista Ikkô, que “trajam à maneira de frades, com hábitos pardos e cabeças e rostos rapados”. Levam uma existência folgada e têm monjas da mesma ordem

HISTORIOGRAPHY

com quem vivem juntamente. Aqui Xavier já opta por reproduzir comentários populares que desacreditam os religiosos, pois afirma que o povo tem-nos em muito má conta e reprova tanto convívio com monjas. Diz também o povo que as monjas tomam mezinhas para abortar, assim que se sentem grávidas, e que os bonzos pecam contra-natura com os moços que ensinam a ler e a escrever. Diz-se ainda que estes monges “vestidos como frades” querem mal aos que andam vestidos como clérigos, ou seja, aos bonzos da seita Zen, que usam túnicas brancas e negras (356.17). Antigamente, os bonzos e bonzas de Yamaguchi que não cumprissem os cinco mandamentos (não fornicar, comer seres vivos, matar, furtar, mentir nem beber vinho) eram mortos por decapitação, a mando dos senhores da terra. Agora, ambos os sexos já publicamente bebem vinho, comem peixe às escondidas, não se sabe quando falam verdade, fornicam publicamente sem vergonha e todos têm moços com quem pecam e confessam-no, dizendo que não é pecado (Cochim, 29 de Janeiro de 1552; 395.27).

Entre as gentes do povo, os pecados associados comumente a homens e mulheres são: a idolatria, o consumo de álcool, os “maus costumes” e o sustento de “bailarinas”, as ameaças à castidade dos missionários e o aproveitamento da confissão para interesses pessoais. Em Manapar, em Fevereiro de 1548, na instrução que envia aos demais jesuítas em Pescaria e Travancor, ordena que, quando tanto homens como mulheres fizerem um ídolo, o castigo será o desterro para outro lugar, com o parecer do Padre António Criminali (246.18). Da mesma forma, ordena a Francisco Mansilhes, em Punicale, que se publique em todo o lugar que cada mulher que beba “urraça” (ou “urak”, vinho de palma) pague um “fanón” (pequena moeda de ouro que então equivalia aproximadamente a 25 reais) e fique presa por três dias. Nesta instrução, Xavier apenas menciona mulheres e crianças, pois os homens da região haviam partido para a pesca de madreperolas (Manapar, 14 de Março de 1544; 122.2).

Outro elenco de punições a costumes pecaminosos diz respeito aos patagantinos que “devem mudar de costumes ou então terá de os mandar a todos presos para Cochim e não virão mais a Punicale, pois eles são as causas de todos os males que se fazem”, como fica determinado na carta a Francisco Mansilhes, em Punicale, redigida em Manapar, a 14 de Março de 1544 (122). Em outra carta semelhante, mas de 12 de Setembro, acerca de um criado enviado a Punicale pelo

príncipe de Tale, Periya Talai, por causa do mal que aí tratam os cristãos, manda que os patagantinos lhe façam muita honra e lhe paguem os seus trabalhos. E aconselha a que “o que gastam e mal-gastam em bailarinas seria melhor que o gastassem em coisas que provêm a todo o povo” (147.2). Contudo, em carta de 27 de Março do mesmo ano, os papéis invertem-se e os queixosos são já os indígenas: tendo recebido uma queixa dos patagantinos, escrita em folha de palma, Xavier escreveu ao vigário de Coulán e ao de Cochim sobre as escravas que os portugueses roubaram em Punicale, para que eles saibam “por grandes excomunhões” quem foram os autores (124/5).

Em torno da missão dos jesuítas no Oriente, paira a ameaça à castidade dos missionários. Em duas cartas escritas de Cochim ao Padre Inácio de Loiola, a 12 e 14 de Janeiro de 1549, Xavier reitera que nas virtudes dos que hão-de ser enviados para a Índia tem que haver muita castidade porque não faltam ocasiões para pecar (266/7.3 e 275.3). Na “instrução quarta ao Padre Barzeo sobre a maneira de conduzir-se” aconselha grande cuidado ao converter, porque muitos querem disso produtos temporais. Também na confissão há que ser cauteloso, porque há quem declare necessidades temporais. Estas regras deverão ser guardadas tanto com homens como com mulheres e, de um modo geral, com todos (Goa, 6 a 14 de Abril de 1552; 476.27).

Numa escrita quase aforística, Xavier disserta sobre a consagração a Deus e defende que o amor das criaturas (pai, mãe, parentes, amigos e conhecidos) impede o amor a Deus (Kagoshima, 5 de Novembro de 1549; 365.42). Nesta mesma carta aos companheiros residentes em Goa, informa que os muitos bonzos japoneses são respeitados pela sua abstinência, pobreza e capacidade de contar histórias (a que chama “fábulas”) sobre as suas crenças, e porque não têm conversação com mulheres, especialmente os que andam vestidos de negro como clérigos, sob pena de perderem a vida (366/7.46/7). Da leitura destas missivas depreende-se que, em relação ao “pecado”, a mulher que Xavier representa na sua escrita tanto é agente activo como adjuvante ao serviço do homem, objecto passivo ou vítima. Daí que uma das melhores fórmulas para evitar o pecado seja a simples ausência da mulher, a anulação efectiva do elemento feminino nos contextos e nas práticas que rodeiam os religiosos em geral e os missionários jesuítas em particular. Contudo, tal ausência não se faz notar na escrita através da qual



天主堂

1021

HISTORIOGRAPHY

Xavier representa e critica esses mesmos contextos e práticas, pois é considerável a presença feminina no rol dos benfeitores, auxiliados, doutrinados e convertidos que merecem referência – individual ou colectiva – nas *Cartas e Escritos*.

CONCLUSÃO

Narrativa e discurso são termos próximos e significam genericamente as histórias que circulam numa determinada cultura através da literatura, dos mitos e da iconografia, seus valores e lugares-comuns, e respectiva interpretação.

Os discursos acerca da raça, género, religião, cultura – e como as suas diferenças e características são definidas, comentadas e representadas – reflectem e determinam a forma como os indivíduos vivem o seu quotidiano, no geral, e a experiência intercultural, em particular. E se encararmos a cultura enquanto produção e circulação de significados, então é na cultura que se formam os discursos através dos quais um grupo social ou comunidade legitima o seu poder sobre outro grupo ou comunidade. Para Derrida, a linguagem, independentemente da sua forma (discursiva ou textual, falada ou escrita), estrutura invariavelmente uma manifestação de hierarquia, ao

ordenar, classificar, agrupar e separar de acordo com um sistema de diferenças ou polaridades, aplicando valores subjectivos a entidades objectivas⁴. O poder de narrar ou de proibir outros de o fazer, a apropriação da cultura pelas estruturas do poder, é muito importante na construção de um império colonial como o português.

Nas suas cartas, Francisco Xavier transpõe para o discurso escrito um universo cultural em larga medida desconhecido, filtrado pelas categorias, valores e finalidades do missionário e seu contexto histórico-ideológico. Na mundividência expressa na narrativa epistolar, Francisco Xavier não ignora a mulher (no colectivo e no individual), mas a sua representação raramente é neutral e objectiva. A mulher surge invariavelmente como Eva, entidade agente, indutora e/ou objecto de pecado. As representações do feminino nas *Cartas e Escritos* de S. Francisco Xavier são categorizadas e qualificadas em função dos pares dicotómicos: católica OU não-católica, convertida OU não-convertida, adjuvante OU oponente da missão jesuíta. A mulher é mais uma personagem (geralmente secundária mas com episódios pontuais de protagonismo) de um percurso focalizado no propósito sempre dominante da conversão massiva ao cristianismo e do estabelecimento perdurável da Companhia de Jesus no Oriente. **RC**

NOTAS

- 1 Todas as referências no texto remetem para a edição: XAVIER, Francisco. *Cartas y Escritos de San Francisco Javier*, 4ª edição, anotadas por Felix Zubillaga. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.
- 2 Durão, Paulo. “As Mulheres no Epistolário de S. Francisco Xavier”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 6, Dezembro 1952.

- 3 Com efeito, era proibido às mulheres navegar para a Índia desde 1524, por lei do vice-rei, sob penas severas. Puderam fazê-lo apenas nos primeiros decénios do século XVI, mas logo foram proibidas. Afonso de Albuquerque fomentava os matrimónios de portugueses com indígenas, de modo que, em 1512, em Goa havia duzentos casais mistos e, em Cochim e Cananor, cem. Em 1529, em Goa, eram já oitocentos. Em Malaca eram sessenta, em 1537.
- 4 Derrida, Jacques, *L'Écriture et la Différence*, Paris, Seuil, 1967.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *São Francisco Xavier: A sua Vida e o seu Tempo (1506-1552)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Oriente, 2006.
- Derrida, Jacques. *L'Écriture et la Différence*. Paris: Seuil, 1967.
- Durão, Paulo. “As Mulheres no Epistolário de S. Francisco Xavier”, *Brotéria*, vol. LV, fasc. 6, Dezembro 1952.
- Romo, Eduardo Javier Alonso. *Los Escritos Portugueses de S. Francisco Javier*. Braga: Universidade do Minho, 2000.
- Schurhammer, Georg. *Francisco Xavier: Su Vida y su Tiempo*, IV Tomos. Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús, Arzobispado de Pamplona, 1992.
- Serrão, Vítor. *A Lenda de São Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*. Lisboa: Quetzal e Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2006.
- Xavier, Francisco. *Cartas y Escritos de San Francisco Javier*, 4ª edição, anotadas por Felix Zubillaga. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.
- Xavier, François. *Correspondance 1535-1552: Lettres et Documents*. Présentation, notes et index de Hugues Didier. Paris: Desclée de Brouwer, 1987.